

## VIRGINIA WOOLF E A CENA MODERNISTA: 1922-2022

1922 é um ano em disputa nos estudos modernistas globais. A pesquisa em literaturas de língua inglesa frequentemente reproduz a formulação de Willa Cather ao dizer que, com as primeiras publicações da tradução inglesa de *À la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust, de *Ulysses*, de James Joyce, e de “The Wasteland”, de T. S. Eliot, “o mundo quebrou em dois em 1922”<sup>1</sup>. Mas se o mundo se partiu em dois há 100 anos, o que advém dessa quebra (enquanto projetos estéticos e políticos) não se limita a um mero antes e depois unívoco, especialmente se incluirmos outras contribuições à lista de publicações em língua inglesa também datadas de 1922, como as de Katherine Mansfield, com *The Garden Party and Other Stories*, de D. H. Lawrence, com *Aaron’s Rod*, e de Virginia Woolf, com seu *Jacob’s Room*. Ao reconhecer as diferenças entre essas obras, os estudos modernistas têm desafiado certa narrativa da história da literatura — que insiste em pensar o modernismo como um movimento unificado, decomposto em um alto modernismo formalista da década de 1920 e uma virada realista dos *political 30s* — ao formular o modernismo como encenações diversas de críticas muitas vezes contraditórias à modernidade, produzidas em um contexto de embates estéticos e políticos sobre os limites da linguagem, da representação, bem como da democracia e das liberdades individuais, como anota Jane Goldman em *Modernism, 1910-1945: Image to Apocalypse* (2004).

Contribuindo para o contexto de celebração do centenário das vanguardas históricas e dos modernismos globais, este número da REVISTA ARTEMIS tem o prazer de reunir trabalhos que, por um lado, destacam algumas interferências estético-feministas de Woolf em sua cena modernista, e que, por outro, revelam quais restos dessas interferências ainda estão em cena no nosso contemporâneo. O intervalo entre o ano de publicação de *Jacob’s Room* e este ano de 2022 é tomado aqui como um acontecimento que nos convida a investigar a preteridade do passado de Woolf, mas também a sopesar a sua presença em nossos tempos, para reutilizarmos a formulação de seu amigo T. S. Eliot.<sup>2</sup> É justamente exercitando

<sup>1</sup> Nossa tradução para: “The world broke in two in 1922 or thereabouts”. Ver Goldstein (2017).

<sup>2</sup> Em “Tradition and the Individual Talent” (1919): “the historical sense involves a perception, not only

---

**Davi Pinho**

Professor Associado de Literatura Inglesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: davi.pinho@uerj.br

**Maria A. de Oliveira**

Professora Adjunta de Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal da Paraíba. E-mail: mariaaoliv@yahoo.com

**Nicea Helena Nogueira**

Professora Associada de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: nicea.nogueira@ufjf.br

esse senso histórico modernista que faz da tradição um espaço de negociações de sentido que Jeanne Dubino, pesquisadora pioneira no diálogo entre os estudos woolfianos e os estudos animais, abre este número com o texto “Virginia Woolf and ‘Fur Consciousness’”. Dubino destaca como Woolf representa os animais ao longo de sua obra e pondera se existe a possibilidade de lermos uma consciência ecológica antipredatória em relação ao uso de pele animal no tempo de Woolf, quando indumentárias de pele eram absolutamente naturalizadas. Dubino nos lembra que o ativismo em relação à conscientização da causa da proteção animal ganha destaque somente a partir de 1980, mas afirma ser possível perceber que essa questão atravessa a obra de Virginia Woolf.

O texto “Cena Modernista e Forma Espacial em *Jacob’s Room* de Virginia Woolf”, de Ana Carolina de Azevedo Guedes, volta à cena modernista de Woolf ao analisar a obra *Jacob’s Room* a partir das concepções estéticas de Roger Fry. Guedes retorna a “Modern Fiction”, ensaio recorrentemente lido como um dos manifestos modernistas de Woolf, e o lê ao lado das concepções de Fry, passeando por outros ensaios e romances de Woolf até chegar a *Jacob’s Room*. Já Brena Suelen Siqueira Moura, no texto “*The Years* de Virginia Woolf: um romance da vida doméstica”, examina o romance *The Years* observando a dicotomia entre a vida doméstica das mulheres e as mudanças históricas no âmbito público. Moura observa também que as grandes mudanças históricas são lidas a partir do ponto de vista das mulheres no ambiente doméstico e percebe como a guerra é representada em outros romances da autora, como, por exemplo, *To the Lighthouse* e *Mrs. Dalloway*. Sobretudo, a autora analisa a conexão entre *The Years* e *Three Guineas*, com especial interesse na questão da educação antibélica e antipatriarcal formulada por Woolf.

Continuando a acessar a cena modernista de Woolf, em “O Quarto de *Jacob* e o Vislumbre da Modernidade”, Caroline Resende Neves e Rossana Pinheiro-Jones produzem um diálogo interartes acerca das qualidades modernistas do romance de Woolf. Para as autoras, a forma fragmentada de *Jacob’s Room* estaria mais próxima dos pintores cubistas do que dos impressionistas. Ademais, como afirmam Neves e Pinheiro-Jones, *Jacob’s Room* também têm importantes marcas da crítica de Woolf à belicosidade masculina que alimenta a guerra — uma crítica que Woolf radicalizaria abertamente na década de 1930. E, aproximando essa crítica produzida por Woolf em sua cena modernista a outras cenas e outras críticas, no artigo “Virginia Woolf e Ursula K. Le Guin: escritoras de uma realidade mais ampla”, Gabriel Leibold produz um diálogo entre os textos de Woolf e os da escritora estadunidense Ursula Le Guin. Em uma abordagem comparativista, Leibold destaca o fato dos romances e ensaios das autoras privilegiarem o coletivo, a diferença, e a multiplicidade ao estabelecerem contato com suas respectivas tradições literárias, sem perderem de vista a estética própria por meio da voz autoral. Leibold propõe uma reflexão sobre o conceito de heroísmo a partir do posicionamento defendido tanto por Woolf como por Le Guin

---

of the pastness of the past, but of its presence” (ELIOT, 1919, p. 4).

em seus ensaios, configurando-se como uma das ficções mais legitimadas na história da literatura.

Em “Words Are an Impure Medium: Intermedial Relations in Virginia Woolf’s ‘Kew Gardens’”, Genilda Azerêdo e Caio Antônio Nóbrega discutem o conto “Kew Gardens” a partir de uma perspectiva da intermedialidade. Tal visada crítica permite que os pesquisadores realizem uma verdadeira rearticulação dos mais diversos cruzamentos interartes que Virginia Woolf opera em sua obra. Já em “Lentes estilhaçadas: as fraturas da modernidade em *Entre os atos* e *O quarto de Jacob*”, Débora Souza da Rosa e Lucas Leite Borba analisam dois aspectos da estética woolfiana que aproximam esses romances, a saber, a fragmentação narrativa e as fraturas da história oficial de percepção falocêntrica expostas pela revisão histórica feminista, recorrendo à crítica de Toril Moi e ao ensaio “Um teto todo seu” da própria Woolf. Concluem que o intertexto entre *O quarto de Jacob* e *Entre os atos* é essencial para entender o experimentalismo da autora como ferramenta para dissipar o pensamento falocêntrico ao longo de toda a sua obra.

Fechamos este número com três textos que nos lançam novamente a atualizações do pensamento woolfiano por meio de diálogos contemporâneos. Luísa de Freitas, em “O corpo que escreve: Virginia Woolf tasteando o indizível”, filia o processo de escrita de Jean-Luc Nancy ao de Woolf, pensando em como esses dois autores lidam com a questão da corporalidade. Para tanto, Freitas parte dos ensaios “Modern Fiction”, “Craftsmanship”, “The Leaning Tower” e “On Being Ill”, e vai costurando pontos de conexão entre o pensamento woolfiano e as obras do filósofo francês. Patricia Marouvo também atualiza o pensamento woolfiano, desta vez por meio de um estudo de figurações dos insetos a partir das discussões teóricas de Rosi Braidotti ao lado dos filósofos Deleuze e Guattari. Marouvo propõe a reflexão sobre a desestabilização das identidades dos personagens quando o elemento não humano torna-se um potencial desencadeador de devires, o que leva a pesquisadora a concluir que a obra de Virginia Woolf favorece o devir-minoritário por meio do tratamento que Woolf confere aos seus textos literários, seja ao desterritorializar a língua inglesa, ao conectar suas personagens ao imediato-político, ou ainda ao promover o agenciamento coletivo de enunciação. E, por fim, em “Genderfluid em *Orlando*: um *parcour* literário para refletir o futuro da sexualidade no Direito”, Tereza Rodrigues Vieira e Virgínia Telles Schiavo Wrubel fazem uma leitura de *Jacob’s Room*, *A Room of One’s Own* e *Orlando* por meio de uma discussão jurídico-cultural acerca da racionalidade sexual moderna, revelando as estratégias ficcionais modernistas de Woolf como ferramentas que nos possibilitam produzir um deslocamento dessa racionalidade e questionar a socialização opressora de binarismos de gênero. A androginia proposta por Woolf é lida aqui como antecedente do gênero-fluido, o que faz de Woolf uma precursora do pensamento *queer*.

Se os artigos neste dossiê capturam muitos rastros de Woolf em nosso tempo, há ainda duas resenhas que servem de convite para que as leitoras e leitores deste número conheçam outras vozes dos estudos woolfianos contemporâneos que vêm se

dedicando a capturar outros rastros. Em “Escutando *Conversas com Virginia Woolf*”, Adriana Jordão nos convida a ler a coletânea *Conversas com Virginia Woolf*, organizada por Davi Pinho, Maria A. Oliveira, e Nícea Nogueira, e publicada pela editora Ape’Ku em 2020. Poeticamente, Jordão se coloca na escuta dos textos que nasceram de um simpósio organizado na Abralic, e, ao escrever, traz Elizabeth Bishop para a conversa, fazendo da resenha um sussurro que pode introduzir um novo assunto nas conversas já coletadas em livro. E, fazendo o convite à leitura de *A Prosa Poética de Virginia Woolf* (Ape’Ku, 2021), coletânea organizada por Maria A. de Oliveira, Patricia Marouvo, e Lucas Leite Borba após um curso de extensão homônimo oferecido na UFPB, Bernardo Luiz Antunes Soares oferece a resenha “A multiplicidade de pontos de contato entre prosa e poesia em Virginia Woolf”. Soares destaca o panorama rico que a coletânea oferece acerca dos múltiplos cruzamentos entre prosa e poesia na obra de Virginia Woolf. Assim, com esses convites, concluímos este número sobre “Virginia Woolf e a cena modernista: 1922-2022”.

Com nossos agradecimentos às editoras da ARTEMIS pelo espaço e pela dedicação à realização deste número, às autoras e aos autores pelos textos, e às leitoras e leitores por não deixarem as interferências woolfianas na cena modernista caírem em esquecimento, ficamos agora à espera de outras visões que alargarão este mosaico de perspectivas que temporariamente apresentamos como inteiro. Como afirma Claudia Olk, “momentos de *insight* e entendimento em *Jacob’s Room* não são inteiramente impossíveis, mas eles permanecem parciais e transitórios”<sup>3</sup> (2014, p. 70). No ano em que celebramos o centenário desse romance woolfiano, reunimos aqui momentos preciosos de *insight*, de conhecimento — em si inevitavelmente (e felizmente) transitório —, e de procura por meio da pesquisa e da escrita, fazendo do modo de ver woolfiano o nosso. “Tal é o modo pelo qual enxergamos. Tais são as condições de nosso amor”<sup>4</sup> (WOOLF, 1922, p. 74).

## Referências:

ELIOT, T. S. ‘Tradition and the Individual Talent’. In: ELIOT, T. S. *Selected Essays: 1917–1932*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1932. [1919]

GOLDMAN, Jane. *Modernism, 1910–1945: Image to Apocalypse*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

GOLDSTEIN, Bill. *The World Broke in Two: Virginia Woolf, T. S. Eliot, D. H. Lawrence, E. M. Forster, and the Year that Changed Literature*. New York: Henry Holt and Co., 2017.

<sup>3</sup> Nossa tradução para: “Moments of insight and understanding in *Jacob’s Room* are not entirely impossible, but they remain partial and transitory”.

<sup>4</sup> Tradução de Tomaz Tadeu. No original: “Such is the manner of our seeing. Such the conditions of our love”.

OLK, Claudia. *Virginia Woolf and the Aesthetics of Vision*. Berlin: De Gruyter, 2014.

WOOLF, Virginia. *O quarto de Jacob*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. [1922]